

REVISTA OLORUN, n. 24, março de 2015
ISSN 2358-3320 – www.olorun.com.br

A REAFRICANIZAÇÃO FILOSÓFICA DE ALTAIR TOGUN

Luiz L. Marins www.luizlmarins.com.br

Abril de 2016

Quinta edição

RESUMO

Este texto pretende mostrar um pouco da visão filosófica deste importantíssimo babalorixá de nação queto, do candomblé do Rio de Janeiro, Altair Bento de Oliveira, o popular Togun, que ficou conhecido por publicar em livros, parte dos saberes e rituais internos do candomblé.

Palavras chaves: Altair Togun, candomblé, reafrikanização, orixás, religiões afro-brasileiras.

INTRODUÇÃO

Todas as religiões do mundo, de tempos em tempos, são sacudidas por pessoas revolucionárias, geralmente contestadoras descontentes com a prática normalmente estabelecida e aceita, motivados não apenas pelo desejo de saber e aprender, mas também pelo desafio da humilhação imposta pelo sacerdote mais antigo, com relação aos mais novos.

Alguém já disse, que nas religiões afro-brasileiras, quem é cultuado são os sacerdotes, e não as divindades, os Orixás. Daí o excesso de (sub) tratamento, de subserviência, da depreciação da pessoa, de proibições, de escravização da consciência, de ameaças. Isto faz com que os sacerdotes afros, em vez de serem amados, sejam temidos, e com o tempo, abandonados. O resultado é o esvaziamento da religião.

Tal comportamento sócio religioso é suportado pela maioria, mas não por alguns, que injetam nesta sociedade religiosa sofrida o fermento da revolta, quando não pelas ações, o fazem pela palavra escrita, através do compartilhamento das informações.

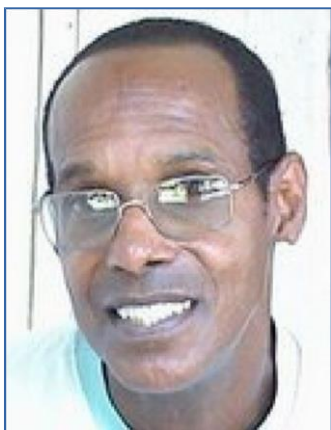
Altair Togun foi um destes revolucionários, cuja palavra até hoje carrega a bandeira da transformação, chamado por alguns de reafrikanização. Tão ou mais importante quanto aos rituais internos do candomblé que publicou, é o pensamento filosófico que transparece nas entrelinhas de seus livros, que foi pouco observado, e se foi, preferem omiti-lo.

Estas reflexões de Altair permanecem atuais, e agora, na era da internet, se colocados em prática, revolucionariam completamente todas as formas de religiões afro-brasileiras. São estas reflexões que pretendemos mostrar, sem nos aprofundarmos nas questões rituais.

O que apresentaremos neste texto são extratos destas reflexões, as quais não possuem um corpo único e sequencial, nem mesmo uma linha central de raciocínio. São apenas expressões “soltas” entre um texto e outro, mas que somadas aqui formam uma visão muito clara de sua linha de pensamento e sua personalidade. Nosso interesse é apenas registrar, sem julgamentos.

SOBRE ALTAIR

Por Márcio de Jagun, Babalorixá, escritor, professor universitário, advogado e apresentador do Programa Ori”.



+ 1948—2012 +

Altair Bento de Oliveira, conhecido por Togun, foi iniciado em três de outubro de mil novecentos e sessenta e seis, pelo babalorixá Carlos Gonzaga (Carlos de Obaluaê), em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, com saída de orúko em outubro daquele mesmo ano.

É autor dos livros: “Cantando para os Orixás” e “*Elégun*, Iniciação no Candomblé”, ambos publicados pela editora Pallas. Ministrou curso de iniciação à linguagem ioruba na

Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Altair faleceu em catorze de janeiro de dois mil e doze.¹

À época de seu falecimento, o radialista Márcio de Jagun publicou no blog da Radio Orí a seguinte nota, valioso registro sobre esta personalidade importante no cenário religioso afro-brasileiro:

RADIO ORI FALA SOBRE ALTAIR TOGUN – 25/01/2012

“Altair Bento de Oliveira, conhecido como Pai Altair Togun, partiu para o òrun no último dia 14 de janeiro de 2012. Apesar de adoentado há alguns anos, a notícia sobre a sua morte foi a princípio um boato que custou a ser confirmado, para nossa tristeza. Sua família consanguínea não quis divulgar o óbito, preferindo manter reservado o luto e garantir a intimidade dos ritos fúnebres.

Pai Altair era discreto. Negro, magro, de estatura mediana, era um homem de voz baixa, mas dono de muita atitude. Altair Togun tinha 46 anos de santo quando morreu. Ele foi iniciado para Ogum na Nação Ketu, em três de outubro de 1966, por Carlos Gonzaga, o Carlos de Obaluaiê, no Município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

Eram tempos em que o saber religioso não era público, nem de fácil acesso. Inquieto e com fome de conhecimentos e respostas, se lançou muito cedo às pesquisas. O inquietava repetir os adurás (rezas) e os orins (cânticos sagrados) sem entender seus significados em português. Foram cerca de 30 anos de pesquisas solitárias e persistentes. Queria conhecer o ioruba. Mas não existiam professores, nem dicionários. Ele ia então lentamente garimpando as palavras, lapidando as frases, esculpindo os textos, traduzindo para o inglês, depois para o espanhol, e finalmente chegando ao português.

Tudo isso sozinho! Ele foi um autodidata.

¹ Dados extraídos da orelha do livro *Elégùn*, assinados pela editora Pallas.

Assim, foi o primeiro no Brasil a lançar um livro contendo músicas sacras com a letra em ioruba, sua fonética (pronúncia) e a tradução em português, anexando ainda 15 fitas cassetes com um total de 15 horas de áudio dos respectivos 376 cânticos sagrados. Era sua primeira obra: “*Nkorin S’awon Òrìṣà* – Cantando para os Orixás”. O ano: 1993.

Naquela época, o preconceito no nosso meio era grande contra o registro escrito dos saberes rituais. Pai Altair foi muito criticado pela iniciativa, mas não pelo conteúdo da sua obra... Ele não se abateu.

Dois anos depois (1995), lança seu segundo livro, ainda mais contundente e detalhado: “*Elégùn* – Iniciação no Candomblé”, com prefácio de ninguém menos do que Agenor Miranda da Rocha, que assim concluiu o prólogo: “Sem entrar no mérito da polêmica acerca do que deva ou não ser publicado, saudamos mais esta contribuição aos estudos da cultura e religiões africanas no Brasil”.

Apesar disso, as críticas foram ainda mais severas e ácidas. Eram hipócritas, que renegavam a publicação, mas a consultavam em segredo nas suas casas... Enquanto os mais tradicionalistas o boicotavam, o nome de Altair Togun crescia em admiração junto à nova geração que se constituía no Candomblé.

De tanto se debruçar no idioma ioruba, Pai Altair foi convidado a inaugurar o curso de Iniciação à Linguagem Ioruba, sendo professor convidado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Ali, foi mestre de toda uma importante geração: Fernandes Portugal, Marcelo Monteiro, José Flávio Pessoa de Barros, José Beniste, entre outros.

Seu terceiro e último livro veio em 1998. Já descontente com a política editorial, lançou em produção independente sua obra-prima: “*Aṣeṣe* – O reinício da Vida”. Um trabalho completo, onde discorreu sobre o contexto histórico, as práticas atuais, as explicações litúrgicas, também com a tradução de rezas e cantigas. Novamente composto por um acervo de fitas cassete com todos os áudios. Um livro antológico sobre o tema.

A essa altura, desgostoso da vida, seja pelos problemas familiares, seja pelas decepções que colecionou na vida sacerdotal, ou ainda pela ferocidade de seus críticos conceituais, foi se abatendo e se alquebrando pela doença.

Ao final da vida, era um homem nostálgico. A voz se mostrava ainda mais fraca e titubeante. Traído pela memória e pelos que ajudou, o velho Togun estava convicto de suas iniciativas, mas magoado e triste com o ostracismo a que fora relegado em sua Roça numa área remota de Nova Iguaçu.

Poucos foram os que o acompanharam até o fim. Poucos foram os que reconheceram seu mérito e o valor extraordinário de seu esforço para a sobrevivência do Candomblé.

Pai Altair Togun influenciou uma era. Fez escola, fez história, fez o Candomblé melhor: mais lúcido, mas claro, mais correto, mais compreensível. Ele registrou, traduziu e elucidou, trazendo luzes à ignorância e oportunidades aos interessados.

Não foi um mero tradutor. Seu trabalho assumiu uma importância singular, porque ao reparar os textos em ioruba e traduzi-los, garantiu automaticamente que a história dos Orixás, seus feitos, seus atributos e virtudes, assim como seus rituais, não fossem mutilados pelo tempo, nem pelos erros linguísticos.

Assim a obra de Altair Togun ajudou a garantir uma tradição da qual já não se tinham mais referências gramaticais, a medida em que a língua matriz (o ioruba) que funcionava como um código de transmissão cultural estava se perdendo.

O Candomblé e toda a cultura nagô foram literalmente resgatados pelo empenho desse homem que lutou sozinho contra um exército de ignorantes, mas que garantiu um legado eterno, herança de todos nós.

Altair Togun é um marco que divide o Candomblé em duas fases: a era da repetição e a era da compreensão. ”

Fonte: BLOG ORI.

Acessado em 28/12/2014.

Disponível em : <http://blog.ori.net.br/?p=683>

ALTAIR, POR ELE PRÓPRIO:

Olá amigos! ²

Primeiramente, agradeço o prestígio de suas presenças para conhecerem um pouco do meu trabalho e das minhas ideias.

Alguns leitores antigos que já me conhecem, estão acostumados com a minha maneira de ser, polêmica e irreverente. Isto, porque procuro externar minhas ideias e meus pensamentos, às vezes sutil, às vezes jocosa e agressivamente. Como todo filho de *Ògún*, sou contestador e também, bem teimoso com relação às minhas ideias, mesmo que contrariando tudo ou a todos. Se, é positivo ou negativo, não sei. Deixo para que as outras pessoas decidam.

Essas minhas contestações não são gratuitas, mas sim, elas visam tão somente pensar ou repensar algumas coisas que nos foram passadas, como produtos acabados e imutáveis. Então, penso sobre algumas dessas coisas. As minhas conclusões, tiro-as para mim mesmo. Não querendo fazê-las descer de goela abaixo nas outras pessoas, reconheço o direito de todos a terem suas próprias opiniões e discordarem das minhas; assim como, reivindico o meu direito de também discordar e ter meus próprios conceitos.

² Publicado por Altair em seu site < <http://www.altair.togun.nom.br/arquivo> > . O site hoje não existe mais, porém algumas cópias estão arquivadas na Biblioteca Orixás e podem ser acessadas através do endereço: <http://www.luiamarins.com.br/artigos>

E também ainda, de chamar a atenção das outras pessoas, que como eu, têm dúvidas e questionamentos acerca da nossa Religião. Quero deixar claro que não sou doutor, nem professor de nada, sou apenas um *ègbón* (irmão mais velho) que aprendeu alguma coisa e quer dividir com os *àbúrò* (irmão mais novo), por que eu também desejo e gosto de encontrar alguém que divida comigo seus conhecimentos. E, graças aos *Òrìṣà*, sempre encontro alguém para suprir alguma carência ou deficiência que tenho, e, como eu gosto disso, quero fazer o mesmo com outras pessoas que têm também estas carências, e espero que realmente seja útil e do agrado dessa faixa de pessoas a quem me dirijo.³

AS PESSOAS A QUEM DEDICOU SEU TRABALHO

Às pessoas desejosas de aprender e entender os rituais da religião dos *Òrìṣà*, dedico este trabalho com todo *àṣe*.⁴

AS PESSOAS A QUEM AGRADECE

Em primeiro lugar, desejo agradecer ao meu *bàbálòrìṣà*, Carlos de Obalúàyé, por quem fui iniciado no ano de 1966. À escritora Juana Elbein dos Santos, que através de seu livro impulsionou-me a buscar os conhecimentos dos quais eu necessitava. Ao escritor Fernandes Portugal, pessoa que muito me ajudou no início de minha busca.

Ao amigo Luís Fernando M. Ferreira (Luís Fernando de *Òṣàálá*), grande estudioso e disseminador da Cultura Negra, que muito me auxiliou na obtenção de boas obras e que facilitou sobremaneira meu acesso à cultura ioruba.

Não poderia deixar de agradecer minha família, que muito me apoiou e incentivou para ir em busca do conhecimento, acreditando que eu seria capaz de conseguir, à minha querida esposa e companheira Wanderly, minha filha Aline, meus filhos Wagner e Altair Filho.

³ *Elégun*, Iniciação no Candomblé, p. 5

⁴ *Idem*, p. 2.

Também os meus agradecimentos à editora Pallas, que acreditou e investiu no meu trabalho, e finalmente, aos meus inúmeros amigos que tanto me incentivaram, gostaria de citar um por um, mas são muitos e poderia esquecer de algum, o que seria injusto, mas peço permissão para citar apenas um, o *bàbálóòsónyìn* Sr. Helcio Soares dos Santos, um grande amigo, estudioso de botânica, autodidata.⁵

ALTAIR FALA SOBRE AS CANTOS SAGRADOS

Curioso que fui desde criança, ao ouvir as rezas e cantigas, fazia perguntas para saber o significado destas. No entanto, quando não tinha uma resposta evasiva, do tipo: “*you are very new to know that*”, ou, “*everyone sings like this and it does not translate*”, ou ainda, “*it is a secret and only after X years you will know*”, não obtinha respostas, coisa que nunca engoli, e que me provocaram grande insatisfação, causando-me mal-estar por ser considerado curioso. Isto reacendeu em mim mais ainda a vontade de aprender a língua ioruba, bem como da cultura e visão sobre os *Òrìṣà* e os ancestrais. Então, com o decorrer do tempo consegui aprender, não o bastante para satisfazer minha vontade de saber, mas o suficiente para entender e interpretar grande parte da linguagem e práticas rituais.⁶

Aprendendo, verifiquei que muitas cantigas nossas são cantadas com palavras erradas ou simplesmente expressões onomatopaicas, isto é, apenas imitando sons, ou somente têm som, mas sem letra nem sentido, o que muitas vezes não passa de “enrolar a língua”, apenas para dar um falso ar de conhecimento, para impressionar as pessoas recém ou não iniciadas, como se estivessem sendo ditas coisas importantes, o que deveria sê-lo, mas que certamente a grande maioria não sabe o que querem dizer, ou o que dizem ao cantar, sendo que o vocabulário destas pessoas (entre as quais eu também já estive) resume a algumas palavras soltas, numa mistura de ioruba, fon, e quimbundo, formando uma grande miscelânea.⁷

⁵ *Cantando para os Orixás*, p. 4

⁶ *Idem*, p. 1

⁷ *Idem*, p. 2

ALTAIR FALA DA HUMILHAÇÃO DO APRENDIZADO.

Sei o quanto é constrangedor você recorrer à ajuda de alguém mais velho, supostamente erudito na *awo* (culto), mas que, ou fica lhe cozinhando em “banho-maria”, sem dar o que você necessita, mas que também não nega, até que você “se manche” e parta para outra. Ou que de cara lhe humilhe e lhe ponha para correr com “dois quentes e três fervendo”; ou ainda, que lhe extorque levando o seu *owó* (dinheiro), fingindo lhe ensinar ou ajudar em alguma coisa.⁸

Eu mesmo já tive grandes dificuldades em ter acesso a ensinamentos sobre a liturgia do *candomblé*, pois é muito difícil encontrar alguém que saiba e se disponha a ensinar, espalhando o conhecimento necessário aos iniciados, pois, ao contrário, negam-se e levam para o túmulo tudo o que aprenderam, sem deixar o saber como herança e, sim, aumentando a ignorância geral.⁹

Ademais, tenho conhecimento também de outras pessoas que, como eu, também têm vontade de aprender pelo menos o básico, e encontram grandes dificuldades e obstáculos por motivos diversos, e alguns dos quais não devo comentar para não suscitar polêmicas e contrariar interesses, o que me daria “pano para mangas.”¹⁰

Muitos que se dizem detentores do *àse* e das tradições acharão que estou “escancarando” como bem me disseram algumas pessoas, pois achavam que eu deveria dar aquelas cantigas somente para um círculo fechado de pessoas “mais velhas”, e não abrir geral, como fiz. Ora, que me desculpem aqueles que pensam assim, mas acho que os únicos *àse* e tradições que eles detêm são os de manter a maioria das pessoas do culto aos *Òrìṣà* na ignorância e alienação, para poderem manter o “status quo”, daqueles poucos que dominam a maioria com um pseudo “grande conhecimento” acima da massa ignorante e

⁸ *Elégun, Iniciação no Candomblé*, p. 1.

⁹ *Idem*, p. 4

¹⁰ *Idem*, p. 5

submissa (isso até parece discurso de sindicalista reacionário; não sou sindicalista, mas sou reacionário, ainda bem).¹¹

ALTAIR FALA SOBRE O NOVO INICIADO

Um *àbíon*, ao chegar numa casa, não deve se iniciar logo. Penso que deve frequentar a casa por algum tempo, para ir verificando alguns tópicos importantes, tanto dentro dos rituais em si, bem como da adaptação à casa e vice-versa, pois a pessoa pode gostar muito da casa, mas não ser aceita por incompatibilidade de ideias ou comportamento.

A recíproca também é verdadeira, pois a casa pode ter grande interesse naquele *àbíon*, que aos poucos vai descobrindo coisas que não lhe agradam. No caso de não haver simpatia, a relação pode ser desfeita sem maiores problemas ou traumas para ambas as partes.¹²

ALTAIR FALA SOBRE OJÚBO IORUBA

Quando fui iniciado, no ano de 1966, ainda novo, ouvia conversas de algumas pessoas mais velhas dizendo

“...meu pai de santo só assentou meu Exu na obrigação de sete anos, por que iaô tem pressa em ter Exu assentado?”

Isso me espantava, pois eu pensava que todo mundo tinha que ter logo seu assentamento. Hoje, já não me espanta mais aquilo e tenho também outra maneira de pensar, pois, conforme fui aprendendo, tomei conhecimentos [entre os iorubas] dos *ojúbo* (assentamentos de culto coletivo, isto é, para uma família, vila, cidade, onde todos da comunidade cultuavam junto), o que me fez pensar questionando os assentamentos

¹¹ Idem, p. 78. Altair quis dizer “revolucionário” pois reacionário é justamente quem se opõe às mudanças. Observação de Paulo Cedraz, no Facebook, grupo Orisa University, em 08/02/2017.

¹² Idem, p. 6

individuais, coisa que hoje eu assimilo tranquilamente. Mas isto é coisa que demanda longa conversa e explicação para sua compreensão.¹³

Não é costume ioruba fazerem-se assentamentos individuais. Eles costumam fazer um assentamento coletivo, onde todas as pessoas da casa cultuam juntamente, ou ainda numa vila ou cidade, em cujas entradas ficam os ojúbò Eṣù, onde todos os habitantes do lugar vão cultuar, fazer oferendas, pedidos e realizar sacrifícios de agradecimento. Embora tendo aprendido à nossa maneira afro-brasileira, acho mais lógica e sensata a maneira dos ioruba, mas isto é assunto polêmico. [O grifo é nosso]¹⁴

ALTAIR FALA SOBRE A POLÊMICA DO IGBÁ-ORÍ

Aí é que começa a história do *igbá-orí*, literalmente, cabaça da cabeça, pois os assentamentos eram feitos em cabaças – *igbá*, daí o nome ter virado sinônimo de assentamento de *Òrìṣà*, a cabaça do *orí*. Costuma-se fazer assentamentos com as mais variadas coisas para representar o *orí* de uma pessoa.

Esta variedade de coisas deve-se, a que o *orí* seja o que individualiza o ser humano. Como no caso das impressões digitais, ninguém tem *orí* igual ao de outra pessoa, cada *orí* é único e exclusivo daquela pessoa. Então, faz-se o assentamento numa cabaça ou tigela, o mais comum entre nós, e esse assentamento é cultuado como *igbá-orí*, ou seja, a representação física do *orí-inú* da pessoa.

Tudo bem, este comportamento é usual e corrente. Mas, sem querer ser o único certo, longe de mim isso, eu não concordo com esse tipo de *igbá-orí*, porque eu penso que a melhor representação do nosso *orí-inú* é o nosso *orí* físico, ou seja, a nossa própria cabeça. A nossa cabeça física é a materialização da nossa cabeça interior, acho eu. Qual o melhor

¹³ Idem, p. 5

¹⁴ Idem, p. 27

objeto para representar o nosso *orí-inú*, que não a nossa própria cabeça? É dentro dela que se instala a outra do *òrun*, por isso, chamado *orí-inú* (cabeça interior).

Mas interior onde? Da cabeça física que também, acho, tem o formato do *igbá* (cabaça).

Quando fazemos um *borí*, nós estamos cultuando esta cabeça interior. E onde nós fazemos os preceitos? Diretamente em nossa cabeça, pois é ali que mora o nosso *ori-inú* e o nosso *Òrìṣà*. Então, é à nossa cabeça que devemos reverenciar, não aquela tigela com alguns objetos que dizem, ser o *igbá-orí*. Digo isso por que acredito em assim.

E algumas vezes, quando sou questionado por algumas pessoas que por “n” motivos, perguntam o que fazer com seu *igbá-orí*. Outros, preocupadíssimos porque seus zeladores não querem entregar ou que pior ainda, despacharam seus *igbá-orí*.

Então, converso com elas dizendo isso que acredito. Grande parte delas se acalma e acaba concordando comigo. Não que eu seja o dono da verdade, mas, há lógica em minha teoria.

Entretanto, se não houver, é um bom assunto para ser pensado por todos. *Igbá-orí* não deveria existir, pois não há lugar melhor para cultuar *orí-inú* que sobre *orí-òde*, porém ficou convencionado o uso dele.

Quanto ao *igbá-orí*, a representação material do *Orí*, a bandeja onde guardamos o *double*, este contém alguns itens de conhecimento restritos àqueles que tem o seu *ori* “assentado”.

Posso, porém assegurar que entre estes itens jamais encontrarás um *òkúta* (ota). *Igbáorí*, segundo a tradição [ioruba] de *Òrìṣà*, **não leva òkúta**. (o grifo é nosso)¹⁵

¹⁵ Esta informação revelada por Altair em 1995, foi confirmada pelo Awo Aikulola Iwindara, conforme podemos ver aqui < <http://www.luizlmarins.com.br> > / artigos

ALTAIR FALA SOBRE “QUALIDADES DE ORIXÁ”

Segundo os conceitos yorùbá, o *Òrìṣà* é uno, para eles não existem as tão chamadas “qualidades” que temos aqui no Brasil.

Lá, eles cultuam um *Òrìṣà* em cada casa separadamente. Tendo casas, onde somente se iniciam filhos de *Ògún*; outras somente de *Sòngó*, outras ainda, somente de *Òṣàálá*, e assim por diante, etc. Esses rituais de iniciação são feitos no templo do *Òrìṣà*, onde fica um assentamento comum a todos, chamado de *Ojúbo*. Não existem *igbá* individuais.

[O conceito] para eles [é que,] se for assentado mais de um *igbá*, a força será divergida e dividida entre esses *igbá*. Ao passo que, se todos os rituais forem feitos num único *igbá* ou *ojúbo*, essas forças convergirão e se somarão, aumentando assim o *àṣe* para a casa e para todos.

Ainda, nos festivais em louvor aos *Òrìṣà*, quando da incorporação desse *Òrìṣà*, esta se fará num único filho, não importando quem quer que seja. Então, numa multidão ninguém sabe quem será o escolhido para incorporar aquele *Òrìṣà*, e quando isso acontece, os demais filhos respeitam e aceitam aquele transe como o único porque aquele foi o filho escolhido pelo *Òrìṣà* para manifestar-se.

Ao virem para o Brasil como escravos os nossos antepassados trouxeram consigo o culto aos *Òrìṣà*. E com o passar dos anos a religião foi se enraizando aqui. Durante esses séculos que se passaram, muitas coisas se perderam, tais como rituais diversos e a própria língua africana mãe, diluindo-se quase que totalmente, pois atualmente a grande maioria das pessoas da religião não têm conhecimento da língua ritual. E isso ensejou uma série de equívocos, tais como “qualidades de *Òrìṣà*”.

Alguns *Òrìṣà* que eram cultuados antigamente e cujos cultos se perderam no tempo, em grande parte, pelo famigerado “segredo”, que só serviu para nos legar uma grande dose de ignorância sobre a nossa própria religião; perderam seus cultos individuais e passaram a serem cultuados como espécies de outros *Òrìṣà* assemelhados, como no caso de:

Airá, que não é qualidade de Sàngó;
Ògunté, que não é qualidade de Yemonja;
Òpàrà, que não é qualidade de Òsún;
Erínle, que não é qualidade de Òsóòsì;
Sòrókè, que não é qualidade de Ògún;
Gbálè e Oníra, que não são qualidades de Oya;

etc...

Alguns desses Òrìṣà tinham cultos semelhantes aos destes outros, então, o brasileiro os inseriu como iguais e assim ficou.

Ou ainda, [tal nome] é simplesmente um oríkì pelo qual o Òrìṣà é chamado, e pelo desconhecimento da língua yorùbá, acabaram virando mais “qualidades”.

ALTAIR FALA SOBRE EGÚNGÚN

Os iorubas que tem o culto a *egúngún* como tradição familiar, tem um membro da família, que seria uma espécie de sacerdote do culto de *egúngún*, assim como nós incorporamos os Òrìṣà.

Declaram que, quando eles vestem o *àgò* (a roupa sagrada de *egúngún*), é que eles são possuídos por uma força de *éégun*, e são capazes de realizar proezas incríveis e inexplicáveis. Eles acreditam que os ancestrais estão mais próximos deles do que as próprias divindades.

Aqui no Brasil, o culto de *egúngún* dá-se de maneira mais ou menos idêntica, com os mesmos princípios básicos e litúrgicos, mas dizem que, em vez de ser uma pessoa que incorpora o *éégun*, ele “brota” da terra após as evocações proferidas pelo *oje*, materializando-se sob as roupas confeccionadas para eles, isto é, **dizem que eles surgem simplesmente do nada**, e que são apenas espíritos que estão sob as vestes. (o grifo é nosso).

Eu peço agô se estiver errado, mas como a maioria dos filhos de *Ògún*, sou céptico, pois se assim fosse, esse homem que tem tantos poderes e que pode materializar o espírito de um morto ao seu bel-prazer, seria, no meu entender, o próprio Deus, ou no mínimo um semideus para ter tanto poder para manipular as forças do além e os espíritos daquela maneira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, as reflexões de Altair são extremamente polêmicas, mas atuais, e se colocadas em prática, modificaria não apenas o rito, como a filosofia do Orixáismo¹⁶.

Altair contestou a feitura do *igbá-orí* e o uso do otá como seu objeto simbólico, contestou as qualidades de Orixá, contestou os arrogantes e prepotentes que se julgam os únicos detentores do saber, contestou os exploradores da fé, contestou a mentira apregoada no culto de *egúngún*, contestou os pseudoconhecedores da língua ritual.

Em nosso entender, embora Altair nunca tivesse declarado isso (se o fez, não sabemos), o seu pensar, na época, era o que se chama hoje de “reafricanização”.

Entretanto, sua reafrikanização, se assim podemos dizer, muito se distancia da reafrikanização que hoje vemos, pois Altair, olhando para a matriz ioruba, ao contrário de muitos, **não tenta reinventar o candomblé**, ao contrário, sua fala, é libertadora e iluminadora, esclarecendo as consciências, e pacificando os espíritos.

Altair não recria o *Igba-ori* com *okuta* ou com elementos próprios do jogo de búzios. Altair não reinventa o método divinatório tal qual vemos hoje, quando um babalorixá bate os búzios oito vezes para tirar odu Ifá, sem legitimidade.

¹⁶ Nome genérico para todas as formas religiosas das religiões afrodescendentes de matriz iorubá.

Altair não recria nomes de orixás para adequar-se às nações Iorubás, antes desconhecidas, e agora disseminadas pela internet. Não, Altair não faz nada disso.

Assim, muitos sacerdotes de hoje deviam olhar para trás e ouvir a voz desse agora ancestral, para que o àṣe volte a fluir como antes.

Não sabemos dizer se as ideias de Altair fossem colocadas em prática, principalmente no que diz respeito aos assentamentos individuais, seriam benéficas ou maléficas ao povo de santo e aos segmentos sociais diretamente ligados às religiões afro-brasileiras, sejam clientes, comerciantes, ou estudiosos, etc., mas são temas relevantes que merecem ser lembrados, e talvez, reconsiderados.

De qualquer forma, Altair T'Ogun é uma daquelas pessoas que merecem ser lembradas por todos nós, e este foi o motivo principal deste texto.

Ní ìron tũrè

(em memória dele).

BIBLIOGRAFIA

OLIVEIRA, Altair B. *Cantando para os Orixás*, Rio de Janeiro, Pallas, 1993.

_____. *Elégùn, iniciação no candomblé*. Rio de Janeiro, Pallas, 1995.

_____. *Àṣeṣe, o reinício da vida*. Rio de Janeiro, Ed. do autor, 1999.

